

O jovem que voltou à vida

Clinicamente, Ted Milligan estava morto quando chegou ao hospital, mas, por alguma razão, os médicos recusaram-se a desistir

SABADO, 31 de janeiro de 1976, amanheceu claro, sem vento e com sol, parecendo apenas mais um dia para os rapazes da Escola de Jovens da Catedral de São João, perto de Selkirk, Manitoba, no Canadá. A temperatura estava agradável – poucos graus acima de zero, às 13:45 – quando Edward «Ted» Milligan, de 16 anos, verificou suas botas de esqui e se dirigiu ao rio Vermelho, que se encontrava congelado. Seus companheiros de excursão eram o professor Bruce Handford e três colegas. O plano era fazer uma volta circular de 40km o mais rápido possível, como treino para a corrida de 80km que a escola anualmente realizava. Pensavam regressar às 19:30, para jantar.

Mais ou menos até as 16:00, o percurso tinha decorrido normalmente. Ted e seus amigos, estimu-

lados pelo brilho da planície, percorreram cerca de 14km, mas, às 16:30, Ted começou a sentir frio. Soprava um vento cortante, e a temperatura caíra sete graus. Ele, no entanto, continuou seu caminho cheio de animação. Pelas 17:30, começou a sentir-se sonolento e não tinha mais frio. A 10km de casa, perdeu a memória. «Sem saber, eu estava com um grave problema», relembra ele. «Minha memória era um completo vazio.»

Bruce Handford não podia saber que Ted se encontrava em estado de amnésia total. Notara que ele ocasionalmente tropeçava e caía, o que é normal numa caminhada longa, mas, nos 3km seguintes, tornou-se evidente que algo estava errado. Ted começou a tropeçar a cada 20m, perguntando constantemente: «Por que estou caindo?» Congela-

dos pela forte ventania, dois dos estudantes correram para casa, enquanto Handford e um rapaz de 17 anos, Pat Williams, ficaram para trás, a fim de levarem Ted de volta.

Sono de cansaço. Handford agora dava-se conta de que a resistência de Ted estava quase esgotada. O rapaz se mostrava sonolento e, finalmente, quando faltavam apenas 4km para andar, caiu no que parecia um sono profundo. Todos os esforços para acordá-lo falharam.

O que Handford não sabia era que Ted estava sofrendo de uma perigosa e enganadora doença conhecida como hipotermia (queda da temperatura interna do corpo para um índice abaixo do normal). Se a temperatura externa da pele cai 20°C abaixo do normal, que é de 37°C, a vida não corre perigo, desde que a interna permaneça normal, mas a queda de apenas alguns graus na temperatura interna pode ser fatal. Desconhecendo essa perda de calor, a vítima de hipotermia torna-se indiferente ao que a rodeia; fica sem coordenação e apresenta linguagem incompreensível e distúrbios de raciocínio.

Handford e Williams revezaram-se para carregar os 63kg inertes do corpo de Ted e só admitiram o fracasso após andarem pouco mais de um quilômetro. Por fim, Handford mandou Williams de volta à escola para trazer auxílio, enquanto se sentava, em plena tempestade de neve, abrigando Ted em

seus braços. «Eu não estava preocupado», relembra. «Ele respirava profunda e regularmente, como se estivesse gozando o sono profundo de um homem exausto.»

Passados 20 minutos, as luzes de um carro de neve varreram a escuridão. Às 21:45, o corpo imóvel de Ted Milligan era colocado sobre uma cama na enfermaria da escola. A enfermeira Nancy Wiens, esposa do diretor, ficou chocada com o aspecto do rapaz. «Eu sabia que estávamos com um problema sério», disse ela. «Sua pele tornara-se de um verde-cinza. Ele não respirava e os olhos não reagiam à luz. Pensei que lhe detectara um leve pulsar, mas não podia afirmá-lo.»

Enquanto chamavam uma ambulância em Selkirk, Nancy cortava as roupas congeladas de Ted. As peças de baixo estavam úmidas de transpiração. Ela começou a fazer-lhe respiração boca a boca, ao mesmo tempo que um dos enfermeiros se deitava ao lado de Ted para esquentá-lo, e se cobria seu corpo com muitas bolsas de água quente. Após 30 minutos de extenuante esforço, ele não dava nenhum sinal de vida. «Eu ia ficando preocupadíssima», relembra a Sra. Wiens. «Estaria ele morto ou vivo?» Mais tarde, a ansiedade dela aumentou. *Se sobrevivesse, pensou, ficaria retardado ou condenado a uma vida vegetativa?*

Essa preocupação tinha fundamento. Se o coração pára de bater, o sangue que transporta oxigênio não pode chegar ao cérebro, e as células



começam a morrer. A falta de oxigênio durante três ou quatro minutos é suficiente para causar consideráveis danos cerebrais e menos do que isso basta para destruir o controle muscular e a capacidade de aprender.

«**Um cadáver em nossas mãos.**» Doug Johnson ia dirigindo sua ambulância pelos arredores de Selkirk quando foi chamado. Assim que chegou à enfermaria da escola e viu Ted Milligan, seu diagnóstico, após um rápido exame, foi de que não havia o que fazer. Mesmo assim, enquanto Ted ia sendo carregado para a ambulância, Johnson caminhou ao lado da maca, alternando massagens no coração com respiração boca a boca. Já dentro do carro, Ted recebeu oxigênio, e Johnson enviou ao departamento de emergência do Hospital Geral de Selkirk uma mensagem pelo rádio, dizendo que um «99» (caso de parada cardíaca) estava a caminho.

Quando a ambulância chegou, Anne Ward, enfermeira encarregada das emergências, já estava esperando. Colocou Ted na tenda de oxigênio, preparou um tubo intravenoso, para que os medicamentos pudessem ser-lhe ministrados, e

certificou-se de que a massagem externa continuava a ser feita. O único médico de plantão, o Dr. Andy Wozny, estava na sala de partos; por isso, Anne chamou o pediatra do hospital, Robert Smith, que morava a um quarteirão.

Dez minutos mais tarde, o Dr. Smith tinha acabado de examinar o paciente. Uma linha horizontal no eletrocardiograma mostrava que o coração não dava sinais de vida, e uma leitura do termômetro retal indicava que a temperatura interna de Ted caíra a 25°C, 12 graus abaixo do normal! «Ted Milligan estava morto quando chegou ao hospital», relembra o médico. «Clinicamente falando, tínhamos um cadáver em nossas mãos.»

Smith, de 31 anos, enfrentava uma decisão crucial. Calculava que o coração do paciente tinha parado de bater há 45 minutos. Deveria tentar ainda trazer à vida o jovem congelado estendido à sua frente? A resposta foi imediata. «Minha ca-

beça dizia que ele estava morto, mas meu coração se recusava a aceitar a morte prematura de um rapaz sadio.» Além disso, ele sabia que Ted tinha uma pequena chance, pois, quando a temperatura interna do corpo cai muito abaixo do normal, a média de consumo de oxigênio diminui, podendo assim impedir que a deterioração venha rápido.

A luta pela vida de Ted chegava agora ao máximo. Um tubo foi inserido em sua traquéia, para forçar a entrada de oxigênio. Continuou-se a fazer massagem no coração, enquanto o Dr. Smith requisitava com urgência o anestesista Gerald Bristow, especialista em ressuscitação. Chegando à sala de emergência com a roupa vestida por cima do pijama, ele ficou admirado com a decisão tomada pelos seus colegas. «Na minha opinião, o paciente estava morto», relembra, «mas não queria ser eu a encerrar o caso. Como os outros, deixei-me contagiar pela determinação de Bob.»

Último recurso. Primeiro, os médicos preocuparam-se em fazer que o coração de Ted batesse novamente. Injetaram estimulantes, inclusive adrenalina, numa veia jugular direita, perto do coração. A linha no monitor cardíaco permaneceu imóvel e horizontal. Era evidente que as técnicas tradicionais não iriam dar resultado. Os Drs. Bristow e Smith decidiram fornecer o máximo possível de calor ao corpo... e esperar pelo melhor.

Andy Wozny e outro médico juntaram-se à equipe. Anne Ward

estava presente com uma equipe de seis enfermeiras, e o pessoal da ambulância tinha ficado para ajudar.

De três em três minutos, cobriram Ted com toalhas quentes molhadas, enquanto bolsas de água quente eram estrategicamente colocadas sobre seu corpo, nos lugares de maior circulação sanguínea. O termômetro subiu ao máximo, atingindo 38°C; a sala estava superlotada. O Dr. Bristow ordenou uma série de enemas de água morna e, através de um tubo nasal, lavou-lhe o estômago com água tépida. «Eu estava tentando tudo», declara. «Após hora e meia, a temperatura do corpo de Ted tinha subido dois ou três graus, mas ele ainda se encontrava totalmente inconsciente e sem nenhum sinal de melhora.»

Geralmente, em casos de parada cardíaca, os esforços de respiração artificial são abandonados após 15 ou 20 minutos, mas, por estranho que pareça, a exausta e suarenta equipe continuava lutando. O Dr. Bristow decidira lançar mão do último recurso. Pediu ao cirurgião Ike Hussain que abrisse o peito de Ted para derramar água morna diretamente sobre seu coração; mas, no momento em que os instrumentos estavam sendo preparados, Bristow mandou que todo mundo parasse. Agindo por palpite, pediu novamente adrenalina. A injeção foi dada. Todos os olhos se voltaram para o monitor cardíaco. Segundos depois, os médicos entreolhavam-se com espanto. O monitor mostrava que o coração de Ted batia, embora

de maneira um tanto agitada e irregular. Ted Milligan estava vivo!

Num esforço concentrado para regular os movimentos descoordenados do coração, dispuseram dois discos de metal, um de cada lado, ligando-os a uma corrente de baixa tensão de mil watts. Quase imediatamente, o coração de Ted começou a pulsar em ritmo normal. Finalmente, após mais de duas horas de esforço extenuante, ele estava respirando sozinho. Sua pressão sanguínea subiu; a temperatura do corpo, também. «Observei sua pele cinzenta e fria tornar-se morna e cor-de-rosa», relembra o Dr. Bristow, «uma coisa maravilhosa de ver.» Em 20 minutos, a temperatura de Ted estava normal, a 37°C.

Os médicos não podiam descurar ainda de seus esforços. Para melhorar a circulação de Ted, injetaram-lhe dopamina. Logo que detectaram fluido nos pulmões, ministraram-lhe um diurético, para ajudar a eliminação. «Ficamos radiantes quando Ted urinou abundantemente», diz Bristow. «Nosso temor de que os rins pudessem ter sido afetados dissipou-se.»

Começa a vigília. Às duas da madrugada, tocou o telefone em casa de John Milligan, em Toronto. Isso não era invulgar, sendo ele obstetra e ginecologista, mas nunca havia recebido um telefonema como aquele.

O Dr. Bristow fez ao Dr. Milligan uma descrição do que sucedera a seu filho. O pai conhecia muito bem as conseqüências de uma falta

prolongada de oxigênio, e o fato de Ted estar ainda inconsciente era alarmante. «O eletrencefalograma mostra algum dano?» perguntou Milligan. «Não posso responder a essa pergunta», replicou Bristow. «Não temos tal aparelho, mas em breve iremos verificar, pois vamos remover Ted para Winnipeg, para um tratamento intensivo.»

Assim como o pai do rapaz, os Drs. Smith e Bristow eram perseguidos pelo espectro dos danos cerebrais. Tudo que sabiam era que ninguém tinha estado «morto» por tanto tempo como Ted (mais de duas horas) e sobrevivido intato. Esperar que seu cérebro tivesse escapado aos danos por falta de oxigênio desafiava a ciência e o senso comum.

Às 11:30 daquele domingo mais longo de suas vidas, John e Lynn Milligan chegaram de avião ao aeroporto e correram para junto da cama de seu filho, no Centro de Ciências Sanitárias. A vida de Ted ainda estava suspensa por um fio. Seu coração pulsava normalmente e ele respirava por si próprio, mas continuava inconsciente. Os Milligans recolheram-se a uma sala de espera e iniciaram sua vigília.

Na sala de recuperação, até o fim da tarde, o Dr. Joe Lee observou o corpo imóvel. A coisa aconteceu numa fração de segundo, mas Lee, que estava alerta, notou-a. A face de Ted contraiu-se. Então, subitamente, o rapaz começou a debater-se murmurando algo. As palavras tornaram-se mais compreensíveis;

era evidente que ele estava revivendo sua experiência dos últimos quilômetros da caminhada.

Agora, os olhos do jovem tremiam. Um minuto depois, arregalavam-se e ele percorria cautelosamente o quarto com o olhar. Surpreendido, fitou Lee. «Onde estou?» perguntou ele. «Isto parece um hospital.» Lee apertou a mão de Ted e respondeu baixinho: «É um hospital e você está bem.» Fez sinal à enfermeira para ir ao telefone.

Recuperação rápida. Apesar de exausto por não ter dormido e pela tensão, John Milligan levantou-se de um salto quando o telefone tocou. «O senhor pode entrar agora», disse a enfermeira. Apreensivamente, os Milligans dirigiram-se à sala de recuperação... e foram encontrar Ted sentado na cama, encostado nos travesseiros. Ele ficou espantado ao ver o pai. «Papai! Que é que você está fazendo aqui?» Então, viu a mãe. «Mamãe!» exclamou. «Que está acontecendo?» Os piores temores do Dr. Milligan desapareceram. «Aquelas poucas palavras de Ted provaram-me que ele realmente estava em recuperação. Era como ver o sol de novo», relembra.

A saúde de Ted Milligan melhorou rapidamente durante os dias seguintes. Ao escutar os detalhados relatos do que lhe havia acontecido durante as 24 horas de sua longa inconsciência, sacudiu a cabeça sem poder acreditar. «Eu me lembro de ir indo em direção à pista. O sol brilhava e eu me sentia muito bem. Depois disso... nada.»

Durante as três semanas seguintes, sua amnésia tornou-se menos grave, a ponto de ele se lembrar de certos detalhes do passeio até mais ou menos as 17:30, mas em nenhum momento ele teve a menor consciência de que sua vida tivesse estado em perigo.

Quando voltou à escola, após três semanas de convalescença, seu trabalho não foi afetado. «Suas notas continuaram sendo excelentes, como dantes», diz o diretor Frank Wiens. O único sintoma físico persistente era uma fraqueza em suas mãos, resultado do congelamento dos músculos flexores, mas, após seis meses de fisioterapia, recuperou completamente o controle. As frieiras em suas mãos e pernas, bem como as queimaduras causadas pelas bolsas de água quente, há muito se haviam curado. Ted passou o verão de 1976 trabalhando num campo para jovens em Algonquin Park, no norte de Ontário – prova animadora de suas excelentes condições físicas.

Com típica moderação profissional, os médicos que persistentemente tentaram trazer Ted Milligan de volta à vida descrevem o caso como «extremamente fora do comum». O pediatra Bob Smith ainda está perplexo pela sua decisão de tentar reviver o rapaz que se encontrava clinicamente morto. «Muitas vezes pensei nisso», diz ele, «mas francamente não sei a resposta. O que sei é que Ted está vivo e bem, e que me sinto humilde diante dessa experiência extraordinária.» ▲